



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA  
DE LÍNGUA PORTUGUESA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**KAIO FILIPE HOLANDA LOPES**

**AMBIGUIDADE SINTÁTICA EM MANCHETES DE JORNAIS: ANÁLISE E  
DESAMBIGUAÇÃO**

**PICOS**

**2023**

**KAIO FILIPE HOLANDA LOPES**

**AMBIGUIDADE SINTÁTICA EM MANCHETES DE JORNAIS: ANÁLISE E  
DESAMBIGUAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Piauí, *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras/Português.

Orientador: Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento

**PICOS**

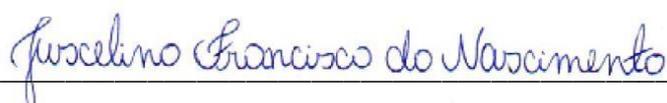
**2023**

KAIO FILIPE HOLANDA LOPES

**AMBIGUIDADE SINTÁTICA EM MANCHETES DE JORNAIS: ANÁLISE E  
DESAMBIGUAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Piauí, *Campus Senador Helvídio Nunes de Barros*, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras/Português.

Aprovado em 30 de agosto de 2023.



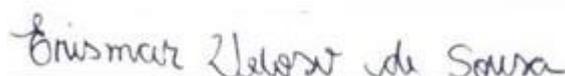
---

Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento (Presidente) Universidade  
Federal do Piauí – UFPI



---

Profa. Me. Fernanda Martins Luz Barros (Primeira Avaliadora) Universidade  
Federal do Piauí – UFPI



---

Prof. Esp. Erismar Veloso de Sousa (Segundo Avaliador) Universidade  
Federal do Piauí – UFPI

## RESUMO

Neste trabalho, buscamos compreender as condições de ambiguidade dispostas em uma seleção de manchetes de jornais, com embasamento na análise semântica, tendo como objetivos mostrar os tipos de ambiguidade, identificar e apresentar a ambiguidade em manchetes de jornais e desambiguar essas manchetes por meio da reorganização sintática. Foi feita uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e explicativa, embasada em Cançado (2008), Marcuschi (2008), Oliveira (2004), Guiraldelli e Pereira de Sá (2014). Dessa forma, foi possível perceber, como resultado, que os sites consultados fazem uso da ambiguidade para noticiar um acontecimento, mesmo que de forma não intencional, o que pode acarretar, ao leitor, uma dificuldade de compreensão ao ler uma manchete cuja significação é ambígua. Chegou-se, então, à conclusão de que a velocidade com que a tecnologia proporciona a disseminação de notícias e o descuido (ou desconhecimento) do jornalista pode provocar a divulgação de uma informação de forma ambígua, tornando necessário o papel do leitor na interpretação da real intenção dessas manchetes.

**Palavras-chave:** semântica; ambiguidade e desambiguação; manchetes de jornais.

## 1 INTRODUÇÃO

O jornalismo brasileiro representa, ao menos para o senso comum, um “lugar” onde a língua tende a ser usada de maneira culta, o que não deixa de ser um fato. Entretanto, assim como em outras áreas que carregam esse estigma, os jornais também estão suscetíveis a escreverem manchetes ambíguas. A Língua Portuguesa, de maneira geral, apresenta uma série de mecanismos a serem abordados, nos quais estão inclusas as problemáticas referentes à comunicação, o que remonta aos problemas verificados em algumas manchetes de jornais. Estes, por sua vez, também estão incluídos nas questões referentes à comunicabilidade, pois se tratam de situações comunicativas reais e de uso social. Nesse caso, a problemática estudada, nessa pesquisa, é voltada para as condições de ambiguidade observadas em algumas manchetes de jornais, especificamente em situações em que há a presença de ambiguidade sintática.

Este estudo justificou-se por poder identificar a presença de ambiguidade e, ao compasso do desenvolvimento, desfazê-las, tendo em vista a necessidade de compreender essa temática, pois, além de ser uma área pouco explorada academicamente, trata-se de um pilar semântico responsável, na maioria das vezes, por produzir (ou desfazer) o sentido de uma sentença ou oração. Nesse contexto, é possível constatar que os estudos de ambiguidade geralmente se restringem ao “básico”, fazendo parte somente da educação fundamental e de quem busca estudos linguísticos propriamente, como no caso de estudantes dos cursos de Letras. Nesse ínterim, emerge a carência de demonstrar que é um problema recorrente no meio jornalístico

Somado a esses fatores, a pesquisa também foi necessária para demonstrar que os jornais, os quais, em tese, deveriam demonstrar “domínio” da norma-padrão, podem cometer equívocos e gerar confusão para o público leitor. Assim, este trabalho pode auxiliar o leitor na compreensão, facilitar a identificação dessas manchetes já existentes e, possivelmente, alertá-los sobre a temática caso ocorram em situações futuras.

Diante desse panorama, a problematização foi definida pelo seguinte questionamento de pesquisa: como a ambiguidade, resultante da organização sintática das sentenças nas manchetes de jornais, compromete a informação? Objetivou-se, com isso, além de analisar a ambiguidade presente em manchetes de

jornais, i) mostrar os tipos de ambiguidade; ii) identificar e apresentar a ambiguidade nas manchetes de jornais enfatizando, obviamente, o tipo de ambiguidade presente nas manchetes analisadas e, por último, iii) desambiguar as manchetes por meio da reorganização das sentenças. Para isso, as ferramentas presentes nos estudos de ambiguidade sintática foram usadas.

A pesquisa realizada se enquadra dentro dos estudos de ambiguidade. Para isso, foram realizadas leituras de manchetes de jornais relevantes com o fito de identificar as ambiguidades que pudessem ser explicadas sob a perspectiva semântica.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento foi a pesquisa bibliográfica, por meio da análise de livros, artigos, jornais, que pudessem embasar e agregar veracidade à pesquisa realizada; ademais, é qualitativa e explicativa, pois buscamos interpretar as manchetes e também esclarecê-las.

Desse modo, para realizar esta pesquisa, foi necessário buscar quatro manchetes ambíguas de dois grandes jornais brasileiros: *Terra* e *Uol*. Elas foram analisadas, explicadas e, por último, foi feita a desambiguação.

Para a execução do trabalho, foi necessário o estudo de alguns teóricos e de alguns fundamentos. Inicialmente, foram levantadas informações para a composição do *corpus* de análise, ou seja, para a estruturação do objeto. Durante a busca realizada em jornais digitais, foram constatados vários exemplos de ambiguidade e, em seguida, foram selecionados quatro exemplos em que era representada a ambiguidade sintática. As notícias foram retiradas dos dois referidos jornais, os quais têm credibilidade e reconhecimento em nível nacional. Logo após isso, estruturou-se a metodologia usada para o desenvolvimento: pesquisa bibliográfica, qualitativa e explicativa.

Em seguida, foram escolhidos autores que tratam dos estudos semânticos, como Cançado (2008) pois, em resumo, trata-se da área responsável pelos estudos da significação, das relações entre significantes e das construções de sentido. Além disso, foi realizado o estudo de gêneros textuais com base em Marcuschi (2008), da notícia como gênero textual com aparato de Guiraldelli e Pereira de Sá (2014), e da manchete, com respaldo nos dicionários: Caldas Aulete e Michaelis (*online*), a fim de exemplificar os seus principais conceitos. Dessa forma, foi possível compreender e relacionar teoria e prática, por meio da análise do *corpus* previamente selecionado.

Para finalizar, o trabalho trouxe uma abordagem geral e os resultados alcançados e colhidos ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Estruturalmente, esta pesquisa está dividida em cinco partes: introdução, fundamentação teórica, metodologia, análise de dados e considerações finais.

## **2 UM OLHAR SOBRE AS RELAÇÕES SEMÂNTICAS**

A semântica pode ser entendida, em resumo, como a área linguística responsável não só por descrever o significado das palavras, mas também das sentenças (Oliveira, 2004). Apesar dessa breve noção, há uma dificuldade na definição do seu objeto de estudo, visto que o próprio conceito de significado implica uma série de possíveis respostas, resultando, conseqüentemente, na falta de um denominador comum para essa questão. Desse modo, pode-se entender que “se tentamos abarcar todas essas situações e outras em que o termo aparece, minamos o próprio projeto de se construir uma teoria científica sobre o significado, porque já não saberemos mais o significado de significado” (Oliveira, 2004, p. 17).

Esse fato, embora de difícil assimilação em um primeiro momento, é necessário para a compreensão dos fenômenos relacionados às outras perspectivas implicantes e presentes no processo de construção do significado e das relações semânticas, pois, no campo semântico, “ao concebermos a linguagem como a expressão de entidades, estados, propriedades e eventos construídos como algo externo a ela, quando paramos para analisar o significado de um enunciado qualquer, buscamos referências e veracidade” (Pinto *et al.* 2016, p. 17). Esse fato, em especial, liga-se diretamente ao fenômeno posto em análise neste trabalho, haja vista que a semântica é a área responsável por analisar as relações de ambiguidade presentes nas frases e orações. Além disso, a ambiguidade corresponde aos traços oriundos das construções discursivas dos enunciados. O fenômeno ocorre quando uma sentença ou uma palavra apresenta mais de um sentido e é, nesse contexto, passível de observação.

Para além dessa definição básica, a semântica ainda apresenta subdivisões de ambiguidade, isto é, não existe apenas um tipo de ambiguidade, e sim várias ambiguidades, pois se trata essa temática sob uma perspectiva não linear, podendo ser categorizada de diferentes maneiras. Nesse contexto, é válido destacar que a linguística estuda três tipos de ambiguidade: fonética, gramatical e lexical, conforme

apontam Pinto *et al.* (2008). No entanto, a linguista Márcia Cançado destaca, em suas pesquisas, a incapacidade de essas três categorias abarcarem os diversos casos e, desse modo, a autora destaca que:

Entretanto, ao longe da minha prática didática, pude reparar que vários dos exemplos que alunos me traziam não se encaixavam nos vários tipos propostos na literatura a que tive acesso. Por isso, resolvi incluir alguns outros fenômenos linguísticos geradores de ambiguidade, usando, para tal classificação, a noção de que a sentença em questão apresenta mais de uma interpretação possível (Cançado, 2008, p. 62).

Tais categorias, segundo Cançado (2008), são denominadas de ambiguidade lexical, ambiguidade de escopo, ambiguidade semântica e ambiguidade sintática. Posteriormente, poder-se-á observar a diferença de cada uma dessas classificações, ainda seguindo a teoria citada anteriormente, atentando-se às características da ambiguidade sintática, pois esta foi usada para a análise das manchetes.

## 2.1 AMBIGUIDADE LEXICAL

A ambiguidade lexical acontece quando um termo ou item lexical possui dupla interpretação. Chama-se “lexical” por corresponder ao conjunto de palavras presentes no léxico de uma língua. Dentre esse conjunto, há casos em que alguns termos, quando empregados em situações distintas, apresentam mais de um significado. Cançado (2008) explica esse tipo de situação exemplificando com o substantivo *banco*. Nessa perspectiva, na oração “**Eu estou indo para o banco**”<sup>1</sup>, nota-se duas possíveis interpretações em que se pode compreender (I) como agência financeira e também (II) como lugar de sentar-se, como no banco de uma praça, por exemplo.

Dentro desse tipo de ambiguidade, ainda há a presença de homonímia e polissemia. A primeira, por um lado, de acordo com Moura (2014, p. 12), deixa claro que “dentro da homonímia as palavras são subdivididas em homógrafas, que apesar de possuírem a mesma ortografia e fonema geram sentidos distintos”, enquanto as homófonas são as “que possuem escrita e sentido distintos, mas reproduzem o mesmo som”. A polissemia, por outro lado, “ocorre quando os possíveis sentidos da palavra ambígua têm alguma relação entre si” (Cançado, 2008, p. 63); assim, em “pé:

---

<sup>1</sup> Ibidem, p. 63.

pé de cadeira, pé de mesa, pé de fruta, pé de página, etc.”<sup>2</sup> o substantivo pé irá designar o sentido de base e sustentação de alguém ou de um objeto.

Sob essa perspectiva, mencionamos que há diferença entre homonímia e polissemia. Esta última depende de o indivíduo estabelecer relação entre as palavras polissêmicas, como conhecimentos históricos acerca dos itens lexicais (Cançado, 2008). Contudo, os falantes podem não concordar com tal relação estabelecida, pois “[...] a recuperação histórica desses itens pode ser tão antiga que, na atualidade, mesmo se houvesse uma relação anterior, seriam palavras sem relação” (Cançado, 2008, p. 64).

Nesse contexto, segundo Cançado (2008), as palavras polissêmicas podem ser identificadas a partir de uma mesma entrada lexical, mas com algumas características diferentes; já as homônimas poderão ser localizadas por meio de duas (ou mais) entradas lexicais. Para deixar mais claro, pode-se destacar os dois exemplos seguintes:

(1) Pasta 1 = pasta de dente, pasta de comer (sentido básico = massa)

(2) Pasta 2 = pasta de couro, pasta ministerial (sentido básico = lugar específico)<sup>3</sup>.

Assim, visualiza-se que o item “pasta” é polissêmico em muitos sentidos ligados a cada situação; porém ele vai ser homônimo se comparados os itens 1 e 2, pois apresentam sentidos diferentes.

## 2.2 AMBIGUIDADE DE ESCOPO

O termo escopo possui em sua significação a ideia de movimento ou ação a que se pretende atingir. Esse tipo de ambiguidade assemelha-se à sintática, todavia o que as difere é o fato de que

Quando há a ambiguidade sintática, você consegue reorganizar a mesma sentença em diferentes estruturas lineares; quando há a ambiguidade de escopo, não se têm duas formas lineares de organizar a sentença, mas se têm duas estruturas subjacentes.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Ibidem, p. 64.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 64.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 70.

O exemplo utilizado por Cançado (2008) para a explicação desse fenômeno é “**Os alunos comeram seis sanduíches**”<sup>5</sup>, em que se pode entender que (I) cada aluno comeu um sanduíche ou que (II) todos os alunos comeram seis sanduíches.

Desse modo, esse caso de ambiguidade faz com que surja a necessidade do uso de conhecimentos prévios, semânticos e contextuais para a criação de possibilidades de interpretação. Isso acontece porque, ao contrário da ambiguidade sintática, na de escopo não é possível desambiguar somente reorganizando os termos, mas, sim, usando ferramentas linguísticas de acordo com as diversas situações.

### 2.3 AMBIGUIDADE SEMÂNTICA

Em relação à ambiguidade semântica, é necessário entender, em um primeiro momento, a relação de correferencialidade. O termo diz respeito à referência que vem antes do que foi enunciado. Por esse motivo, “a ambiguidade semântica pode ser uma das mais difíceis de serem identificadas, pois o seu problema está na dupla interpretação de um termo na frase que não seja um substantivo” (Moura, 2014, p. 13). Com isso, para que haja interpretação, é preciso que o leitor seja capaz de realizar essas ligações dentro dos enunciados. Para exemplificar e facilitar a explicação, Cançado (2008) traz o seguinte exemplo: “**José falou com seu irmão?**”<sup>6</sup>. Na pergunta, o pronome possessivo “seu” possibilita o entendimento de (I) José ter falado com o seu próprio irmão e (II) José ter falado com o irmão de outra pessoa presente na situação discursiva.

Essas atribuições ainda provocam, posteriormente, a implicação de papéis temáticos. Em síntese, esses papéis caracterizam o papel e as ações do sujeito das orações que se apresentam como agentes beneficiários e sujeitos dentro das orações.

### 2.4 AMBIGUIDADE SINTÁTICA

O tipo de ambiguidade nas quais as manchetes selecionadas estão inseridas é a sintática. Nesse tipo, “dependendo da maneira como as palavras são posicionadas, a sentença pode ter dois ou mais sentidos” (Moura, 2014, p. 14). Além disso,

---

<sup>5</sup> Ibidem, p. 69.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 70.

Nesse tipo de ambiguidade, não é necessário interpretar cada palavra individualmente como ambígua, **mas se atribui a ambiguidade às distintas estruturas sintáticas que originam as distintas interpretações: uma sequência de palavras pode ser analisada (subdividida) em um grupo de palavras (chamado de sintagma) de vários modos** (Cançado, 2008, p. 68, grifo nosso).

Assim, o fenômeno responsável pela ambiguidade sintática está relacionado à desorganização da estrutura sintática dessas orações. Nesse sentido, nos casos em que há a possibilidade de desambiguar reorganizando os termos e, desse modo, construindo um sentido, é possível estabelecer e considerar que essa oração ou enunciado é ambíguo sintaticamente. É o caso de **“O Cruzeiro venceu o São Paulo jogando em casa”**.<sup>7</sup> Nessa expressão, há a possibilidade de criação de dois sentidos, pois os termos *jogando em casa* estão correspondendo aos dois times e, com a reorganização desses operadores, essa ambiguidade poderia ser desfeita, a depender do sentido que se queira apresentar, como, por exemplo:

- (1) O cruzeiro, jogando em casa, venceu o São Paulo.
- (2) O São Paulo, jogando em casa, venceu o Cruzeiro.

Nota-se, com isso, que a expressão *jogando em casa* modifica “Cruzeiro”, no primeiro caso, deixando claro que esse clube jogava em seu estádio. Já no segundo, ela determina “São Paulo”, o que fica nítido que o clube paulista era o mandante do jogo.

Ademais, pode-se apresentar outro exemplo para ampliar essa temática, como **“Polícia prende acusado de matar homem com faca”**. Nesse caso, há ambiguidade sintática, pois o sintagma *com faca* pode modificar “homem” (o que pode ser interpretado que ele possuía esse objeto no momento em que foi morto); ou pode modificar “acusado” (denotando que este utilizou esse objeto para cometer o crime).

Dessa forma, análises como essas não só serão feitas mais adiante, como também será feita a desambiguação de manchetes ambíguas de jornais de grande notoriedade no Brasil. Antes, no entanto, é necessário apontarmos algumas questões quanto aos gêneros textuais.

---

<sup>7</sup> Ibidem, p. 68.

### 3 GÊNEROS TEXTUAIS

Os gêneros textuais são estudados há muito tempo. Conforme Marcuschi (2008, p. 147), “o estudo dos gêneros textuais não é novo e, no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática iniciou-se em Platão.”

Porém, apesar de ser um assunto antigo, o estudo dos gêneros textuais nem sempre foi o foco principal dos estudiosos. Isso porque, segundo Guiraldelli e Pereira de Sá (2014, p. 86), “a partir da década de 90, estudar os gêneros textuais passou a ter grande importância para os estudiosos da língua que, até então, vinham analisando os textos e sua realização dentro de diferentes contextos.” Ou seja, os textos eram classificados conforme o local no qual foram produzidos; assim, um mesmo texto poderia ter classificações diferentes. Nesse contexto, é possível observar que o estudo sistemático deles é muito recente.

Nessa perspectiva, muitos são os conceitos dados a gêneros textuais. Todavia, segundo Marcuschi (2008, p. 155), “os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais [...]”. Nessa lógica, Marcuschi (2008) vê os gêneros textuais como algo que possui um padrão sociocomunicativo, os quais são comuns no dia a dia do indivíduo; dessa maneira, textos como sermão, carta, bula de remédio, notícia jornalística, reportagem são exemplos claros de gêneros textuais.

Para Bronckart (1999 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 154), “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. Em outras palavras, dependendo do contexto comunicativo, os gêneros textuais atuam, muitas vezes, na legitimação discursiva, pois se situam numa relação sócio-histórica.

Neste trabalho, abordamos apenas dois conceitos de gêneros textuais, dentre os quais foram considerados para nossa pesquisa o conceito segundo o qual Marcuschi (2008) defende, pois foi ao encontro dos nossos objetivos e do percurso deste trabalho.

#### 3.1 GÊNERO TEXTUAL NOTÍCIA

Conforme foi abordado no tópico anterior, há diferentes conceitos para gêneros textuais. Nesta seção, abordar-se-á a questão da notícia como gênero textual e como a ambiguidade está presente nela.

Nesse sentido, é notório que os textos jornalísticos (principalmente os virtuais) estão cada vez mais presentes na vida dos brasileiros, haja vista a grande expansão da tecnologia e o fácil acesso a essas notícias. Guiraldelli e Pereira de Sá (2014) afirmam que:

O gênero textual notícia está direta ou indiretamente ligado à vida cotidiana dos leitores, seja por meio de jornais impressos ou pela TV, rádio e internet. Em meio a tantas possibilidades de ter acesso às notícias, o leitor se depara com a mesma notícia em diferentes suportes comunicativos (Guiraldelli; Pereira de Sá, 2014, p. 88).

Nessa linha de raciocínio, é possível afirmar que o gênero notícia está cada vez mais inserido no cotidiano dos indivíduos e dentro de vários meios de comunicação, como rádio, internet, televisão etc., o que faz com que esse gênero dissemine rapidamente uma informação, a qual pode ser reproduzida em vários meios comunicativos distintos. Assim, esse gênero se enquadra na concepção defendida por Marcuschi (2008) citada na seção anterior.

Ademais, as notícias são um meio pelo qual as pessoas buscam informações sobre futebol, política, economia, educação etc. Mas, devido à rapidez (ou ao desconhecimento da sintaxe da língua portuguesa) de como as notícias são divulgadas, algumas delas acabam sendo mal construídas e geram ambiguidade, o que não é bem-vindo para esse campo, visto que, de um bom jornal, espera-se o pleno domínio da norma-padrão da língua portuguesa.

Na próxima seção, será abordada a questão da manchete, a qual é necessária na constituição da notícia e é a primeira informação que o leitor lê antes de adentrar na notícia completa.

### 3.2 MANCHETE

Nesta seção, abordamos o conceito de manchete presente em dois principais dicionários de língua portuguesa, visto que ela foi o nosso objeto de análise e é nela que se encontram as ambiguidades as quais foram analisadas. Nesse sentido, o

Dicionário Aulete apresenta como conceito de manchete a seguinte definição: “1. Bras. Jorn. Título, em letras grandes, que se dá a uma matéria, ger. a principal, na primeira página de um jornal ou na capa de uma revista” (Aulete, 2011, p. 885).

O Dicionário *online* Michaelis, por sua vez, define manchete desta maneira:

1 JORN Título principal, publicado com grande destaque, geralmente no alto da primeira página de jornal ou revista e que assinala o fato jornalístico de maior relevância entre as notícias da edição. 2 JORN Título de maior destaque no alto de cada página do jornal; manchete de página (MANCHETE, 2023).

Nessa perspectiva, é possível observar que os dois dicionários definem a manchete de forma similar, ou seja, consegue-se entender o conceito em si facilmente. Assim, nota-se que ela é primordial para a construção e entendimento da notícia, pois ela que é responsável por apresentar, primeiramente e de forma clara, sobre aquilo que o texto abordará.

Dessa forma, como as letras vêm em destaque, elas são capazes de chamar a atenção do leitor fazendo com que este seja instigado a ler a notícia completa. Nessa visão, a informação inicial deve ser bem escrita e chamativa, uma vez que ela vem sempre primeiro do que o fato a ser informado, isto é, ela é uma porta de entrada. Entretanto, nem sempre as manchetes são bem escritas, visto que algumas delas, como será apresentado mais adiante, apresentam ambiguidades justamente pelo descuido ou desconhecimento do jornalista acerca da organização sintática dos termos da oração.

Portanto, isso ocasiona uma transmissão de informação duvidosa e compromete o entendimento da notícia pelo leitor. Nesse momento, apresentaremos os procedimentos metodológicos os quais viabilizaram esta pesquisa.

#### **4 METODOLOGIA**

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para a condução deste trabalho, o qual aborda a análise semântica de manchetes ambíguas extraídas dos portais de notícias *Uol* e *Terra*, ambos virtuais. A metodologia empregada envolveu uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e explicativa, visando à compreensão aprofundada da ambiguidade sintática presente nas notícias selecionadas.

Nesse sentido, uma pesquisa bibliográfica é “[...] desenvolvida com base em material já elaborado, construído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44). Com base nisso, desenvolvemos este estudo com apoio de bibliografias básicas, como análise de livros, artigos, jornais, dicionários, com o intuito de agregar veracidade a esta pesquisa.

Além disso, este trabalho tem base explicativa, uma vez que “essas pesquisas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para ocorrência dos fenômenos” (Gil, 2022, p. 42). Dessa maneira, tal trabalho buscou mostrar os tipos de ambiguidade com base nos estudos da Cançado (2008), identificar e apresentar o tipo de ambiguidade nas manchetes de jornais, bem como desambiguar as manchetes por meio da reorganização das sentenças. Por fim, esta pesquisa segue uma abordagem qualitativa, pois buscamos compreender como que ocorre a ambiguidade sintática, assim como esclarecê-la. Agora, ver-se-á a ambiguidade sintática presente nas manchetes selecionadas as quais compuseram o *corpus* desta pesquisa.

## **5 ANÁLISE DAS MANCHETES AMBÍGUAS**

Nesta parte da pesquisa, apresentamos quatro exemplos de manchetes de jornais de grande circulação no meio jornalístico brasileiro e que apresentam ambiguidade, o que afeta a compreensão do leitor ao ler a manchete. Nesse sentido, foi também feita a desambiguação dessas manchetes por meio da reorganização das sentenças descrita por Cançado (2008), a fim de elucidar esse fenômeno.

A primeira manchete analisada foi a do jornal Uol:

## COTIDIANO

# AGU atua em 63 ações para evitar que Enem seja questionado na Justiça



ESTADÃO conteúdo  
Luiz Vassalo  
São Paulo  
03/11/2019 16h01

PUBLICIDADE

Fonte: Uol, 03/11/2019

Nessa manchete, observamos que ela tem duas interpretações possíveis. A primeira pode ser entendida que a AGU atua, dentro da própria justiça, em 63 ações para evitar que o Enem seja questionado na justiça. Já na segunda interpretação, pode ser entendido que a AGU atua em 63 ações para evitar que, na justiça, Enem seja questionado. Dessa forma, o constituinte que causa a ambiguidade em ambas é o sintagma *na justiça*, pois, na primeira, ele exprime ideia de adjunto adverbial de lugar e, na segunda, de adjunto adverbial de finalidade.

Nesse sentido, o objetivo foi noticiar a ideia da segunda interpretação apresentada aqui. Portanto, propusemo-nos a desambiguar essa manchete da seguinte forma:

(1) AGU atua em 63 ações para evitar que, na justiça, Enem seja questionado.

Assim, o sintagma *na justiça* ficou na posição ideal (como adjunto adverbial de finalidade) e não causou mais ambiguidade.

A segunda manchete analisada foi a do jornal *Terra*:

## Witzel manda polícia do Rio investigar vídeo apócrifo com ataques

A investigação do conteúdo será feita pela Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática

 Marcio Dolzan e Wilson Tosta

2 nov 2019 - 18h04

Compartilhar 

[Ver comentários](#)

Ouvir texto   0:00



Fonte: Terra, 02/11/2019

Nessa manchete, foi possível observar dois entendimentos. O primeiro que Witzel, por meio de ataques, manda polícia do Rio investigar vídeo apócrifo. O segundo que Witzel manda polícia do Rio investigar vídeo apócrifo que contém ataques. Assim, notamos que o sintagma que causa essa ambiguidade é *com ataques*, o qual é adjunto adverbial de instrumento (para o primeiro entendimento) e adjunto adnominal (para o segundo entendimento).

Nessa perspectiva, o objetivo do jornal foi mostrar que o vídeo apócrifo é que continha ataques, e não que, por meio de ataques, Witzel manda polícia do Rio investigar vídeo apócrifo. Portanto, para a devida desambiguação, tivemos a seguinte alternativa:

(1) Vídeo apócrifo com ataques, Witzel manda polícia do Rio investigar.

Ou seja, o sintagma *com ataques* está modificando *vídeo apócrifo*, o que deixa claro que o vídeo é que contém ataques e, assim, desfaz a ambiguidade.

Agora, tem-se a terceira manchete analisada, a qual também é do jornal *Terra*:

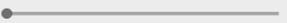
## Rio de Janeiro vai começar vacinação no Cristo Redentor

Anúncio foi feito pelo prefeito Eduardo Paes nas redes sociais

18 jan 2021 - 10h11 (atualizado às 10h19)

Compartilhar 

[Ver comentários](#)

Ouvir texto   0:00



O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, anunciou nesta segunda-feira (18) que a primeira aplicação da vacina Coronavac na cidade será feita no Cristo Redentor.

Fonte: Terra, 18/01/2021

Nessa manchete, há duas compreensões: a primeira é que a vacina será aplicada na estátua do Cristo Redentor, isto é, o Cristo Redentor será vacinado. Já na segunda, a vacina será aplicada no local em que se encontra o Cristo Redentor. Logo, verificou-se que o sintagma que causa ambiguidade é *no Cristo Redentor*, o qual é complemento nominal (para a primeira compreensão) e adjunto adverbial de lugar (para a segunda compreensão).

Nesse seguimento, o objetivo do referido jornal foi informar à população que a vacinação se iniciaria no local em que está localizado o Cristo Redentor, e não que a vacina seria aplicada nele. Destarte, a fim de desfazer essa ambiguidade, usamos a seguinte organização sintática:

(1) No Cristo Redentor, Rio de Janeiro vai começar vacinação.

Nessa lógica, o sintagma *no Cristo Redentor* passou a ser um adjunto adverbial de lugar (visto que ele foi deslocado para o início da oração e pelo uso obrigatório da vírgula nesses casos), o que desfez totalmente a ambiguidade, e a desambiguação sugerida foi ao encontro do corpo da notícia em que o *Terra* publicou.

Por último, tem-se a quarta manchete ambígua, veiculada no jornal *Band Uol*:

Notícias

## Polícia mira acusado de matar mulher com motosserra

Caso ocorreu em Araruama, na Região dos Lagos



Mariana Albuquerque  
02/06/2023 • 11:36

Fonte: Band Uol, 02/06/2023

Nessa manchete, foram observadas, pelo menos, duas compreensões possíveis. A primeira é de que a motosserra estava com a mulher no momento no qual esta foi morta. Já na segunda, compreende-se que o acusado usou uma motosserra para matar a mulher. Ou seja, o causador da ambiguidade é o sintagma *com*

*motosserra*, o qual é adjunto adnominal — para o primeiro entendimento — e adjunto adverbial de instrumento — para o segundo entendimento.

Nesse contexto, o objetivo desse jornal foi noticiar à sociedade que o acusado usou uma motosserra para matar a mulher, e não que esta estava com esse equipamento no momento em que foi morta. Desse modo, com o intuito de desfazer essa ambiguidade, fizemos a seguinte organização sintática:

(1) Polícia mira acusado de matar, com motosserra, mulher.

Nesse sentido, o sintagma *com motosserra* passou a ser um adjunto adverbial de instrumento, o que, portanto, desfez a ambiguidade, a qual concorda com a notícia que a *Band Uol* publicou.

Portanto, os exemplos trazidos e as sugestões de desambiguação das manchetes foram eficientes, a partir dos ensinamentos da Caçado (2008) acerca da ambiguidade sintática.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como foi visto, a ambiguidade está presente na construção de diversos tipos de enunciados e em vários tipos de gêneros textuais, como, por exemplo, a manchete de jornal, utilizada neste estudo.

Além disso, procuramos, por meio deste trabalho, analisar as sentenças sintáticas e como a duplicidade de sentido (encontrada nitidamente em canais de comunicação tão importantes para a propagação de notícias) dificulta o entendimento do sentido real das manchetes publicadas, o que pode causar confusão e, assim, comprometer a interpretação do público leitor. Ademais, procuramos também mostrar os tipos de ambiguidade, identificar e apresentar o tipo de ambiguidade nas manchetes de jornais virtuais, assim como desambiguar as manchetes por meio da reorganização das sentenças. Nesse contexto, desambiguamos essas manchetes, de acordo com o fato que esses jornais quiseram noticiar, por meio da reorganização das sentenças, tal como proposto por Caçado (2008).

Portanto, foi possível concluir que a velocidade com que a tecnologia proporciona a disseminação de notícias e o descuido (ou desconhecimento) do jornalista pode provocar a divulgação de uma informação de forma ambígua. Nessa perspectiva, vemos que, apesar de se tratar de jornais que possuem credibilidade e renome, as ambiguidades não foram evitadas, tornando necessário o papel do leitor

na interpretação da real intenção dessas manchetes. Por meio da Semântica, esses desvios linguísticos, ou seja, as ambiguidades, puderam ser identificadas, explicadas e desfeitas.

## REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete**: dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexicon, 2011.

CANÇADO, M. Ambiguidade e vagueza. *In*: CANÇADO, M. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. São Paulo: Contexto, 2008. Cap. II, p. 65-81.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIRALDELLI, L. A.; PEREIRA DE SÁ, M. C. **Estudando os efeitos da ambiguidade no discurso jornalístico manchete**. Fortaleza: Entrepalavras, ano 4, v. 4, n. 1, 2014. p. 82-98.

MANCHETE. *In*: MICHAELIS, Dicionário brasileiro da língua portuguesa. Melhoramentos, 2023. Disponível em: < [Manchete | Michaelis On-line \(uol.com.br\)](https://www.michaelis.com.br/) >. Acesso em: 22 mar. 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MOURA, Maria Cândida Figueiredo. **Proposta de análise de manchetes ambíguas no correio brasileiro**: uma dificuldade para a transferência da informação. 2014. Monografia (Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <[https://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/9546/1/2014\\_MariaCandidaFigueiredoMoura.pdf](https://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/9546/1/2014_MariaCandidaFigueiredoMoura.pdf)>. Acesso em: 24 mar. 2023.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2004. cap. 1. p. 17-46. 2 v.

PINTO, Deise Cristina de Moraes *et al.* **Introdução à semântica**. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2016.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- Tese  
 Dissertação  
 Monografia  
 Artigo

Eu, Keiso Filipe Kolanda Lopes,  
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
Ambiguidade sintática em manchetes de jornais: análise e  
desambiguação.  
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 05 de Outubro de 2023.

Keiso Filipe Kolanda Lopes  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Assinatura